

**SOCIOPOETIZANDO AS SEXUALIDADES: CONCEITOS
FILOSÓFICOS PRODUZIDOS PELOS ADOLESCENTES DA
UNIDADE ESCOLAR PROF^a JÚLIA NUNES ALVES**

Elisângela da Silva Fernandes
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Shara Jane Holanda Costa Adad
Universidade Federal do Piauí - UFPI

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa sociopoética realizada em 2011, objetivando analisar as ideias e os conceitos dos adolescentes sobre o tema gerador Sexualidade, relacionando com o que dizem os estudiosos da temática. O território da pesquisa foi a Unidade Escolar Prof^a Júlia Nunes Alves, em Teresina – PI. O grupo pesquisador era formado por mim, Elisângela, facilitadora da pesquisa e pelos copesquisadores – sete adolescentes do 1º ano do Ensino Médio, do turno tarde da referida escola. Utilizei como fundamentação a contribuição de alguns teóricos, tais como: Adad (2004), Aquino (1997), Chauí (1984), Foucault (1988), Petit (2002), Louro (2007) entre outros. O método da Sociopoética possibilitou a construção do conhecimento em grupo por meio do corpo todo, de técnicas artísticas em vivências realizadas em oficinas. Para tanto, para a produção de dados, fiz uso da seguinte técnica: O bicho da sexualidade. Desse modo, os copesquisadores foram convidados pela facilitadora a viajar pela imaginação, fazendo livres associações com o tema gerador. Em seguida, deu-se a produção dos dados, numa linguagem simbólica e criativa, possibilitando a manifestação da subjetividade, potencializando a produção dos seguintes confetos (conceitos+afetos): “daquilo da sexualidade”, “dificuldade buraco-dúvida”, “espinhos da sexualidade”, “aliado-pessoa-borboleta”, os quais, depois de analisados, apresentam-se em três linhas: confetos e ideias sobre sexualidade, as dificuldades vividas com a sexualidade e superação das dificuldades com a sexualidade. Por fim, quero ressaltar que tais confetos surgiram de momentos de reflexão e problematização do grupo pesquisador em torno do referido tema, dando visibilidade às suas vozes.

Palavras-Chave: Sexualidade. Adolescentes. Sociopoética.

INTRODUÇÃO

Para muitos a sexualidade é um tema de difícil discussão, principalmente com crianças e adolescentes em processo de desenvolvimento, pois desperta muitas curiosidades. Entretanto, não foi e nem tem sido algo tranquilo de se compreender e/ou abordar porque, historicamente, foi envolvida em muitos mitos e tabus. É importante perceber os mitos e tabus da sexualidade como invenção e/ou construção humana (FURLANI, 2003). Em relação à curiosidade, Deborah Britzman (2007, p. 89) diz: “podemos começar a ver que a sexualidade permite desenvolver nossa capacidade de curiosidade. Sem a sexualidade, não haveria

qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender”. O comportamento sexual começa nas atitudes e curiosidades infantis decorrentes das necessidades instintivas do ser humano e, sobretudo, das interferências culturais e sociais que as envolvem a exemplo das informações que as circundam através da escola, de amigos e principalmente da mídia, seja ela falsa ou verdadeira. Assim, até mesmo as crianças de pouca idade e os adolescentes estão bastante interessados em saber de que forma as “coisas” funcionam.

Assim, a compreensão da sexualidade humana é dinâmica e mutável por ser histórica e cultural e por exigir que as verdades únicas sobre esta sexualidade sejam desconstruídas. Por esse motivo, se faz de singular relevância ouvir o que as pessoas pensam sobre esta temática, quais suas problemáticas. No nosso caso, ouviremos jovens da escola pública, devido à percepção, como já falei anteriormente, das dificuldades dos adultos, em especial na escola, de conviverem com as dúvidas, as problemáticas e práticas destes sujeitos.

Inicialmente, a justificativa para este trabalho estava na preocupação em saber de que forma a sexualidade vem sendo trabalhada nas escolas, ou mesmo silenciada pelos educadores e educadoras que criam obstáculos e desculpas para não trabalhá-la de alguma maneira. Por esse motivo, surgiu o interesse em ouvir o que os jovens pensam sobre a sexualidade.

Entretanto, na primeira experiência de pesquisa que tive na iniciação científica, em que procurei saber quais as contribuições da escola para a orientação sexual dos alunos, compreendi que muito mais do que saber se a escola contribuía ou não, era importante ouvir os próprios alunos. Surgiu então, um novo questionamento: como os jovens pensam a sexualidade e quais problemáticas enfrentam em torno do referido tema? Para tanto, utilizei a Sociopoética, método filosófico de pesquisa que possibilitou a produção de conceitos filosóficos sobre o tema gerador sexualidade, de modo que o objetivo principal dessa pesquisa é analisar as ideias e os conceitos (na Sociopoética chamados de confetos = conceitos + afetos), que os adolescentes pensam sobre sexualidade.

PERCURSO METODOLOGICO

Esta pesquisa é parte dos resultados do meu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia no qual optei por uma abordagem qualitativa, utilizando a Sociopoética, que segundo Gauthier, é:

[...] uma prática filosófica. Ela é uma passagem obrigatória para quem quer transformar as práticas sociais, por paradoxalmente não visar a transformação social e ainda menos a conscientização, e sim o conhecimento do inconsciente, através do descobrimento das Américas (negras, brancas, indígenas e mestiças) do pensamento

dos grupos-pesquisadores. Por que uma filosofia? Por que ela: 1 – Descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; 2 – Favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; 3 – Favorece a criação de conceitos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador; 4 – Favorece a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais. (GAUTHIER, 1999, p. 12 *apud* ADAD, 2004, p. 104 – 105).

Vale ressaltar que a Sociopoética é uma abordagem de pesquisa e/ou aprendizagem, que destaca, ao mesmo tempo, os seguintes princípios: a importância do corpo como fonte de conhecimento; a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem; o papel dos sujeitos pesquisados como corresponsáveis pelos conhecimentos produzidos, copesquisadores; papel da criatividade de tipo artístico no aprender e no pesquisar; a importância do sentido espiritual, humano, das formas e de conteúdo no processo de construção dos saberes (ADAD, 2010).

Para se pesquisar com a Sociopoética, torna-se necessário a aplicação dos seguintes procedimentos: negociação, produção de dados, análise dos dados, contra-análise e momento filosófico. Na negociação articula-se a formação do grupo pesquisador, que deve ser no mínimo seis e no máximo 20 pessoas. Vale ressaltar que essas pessoas são tão pesquisadoras quanto o pesquisador oficial. Depois, acordam-se os horários, o espaço a ser utilizado e também a escolha do tema gerador. A produção dos dados se dá a partir de técnicas e rituais vivenciados em oficinas.

Desse modo, o processo desta pesquisa Sociopoética divide-se em oficinas de produção de dados pelos copesquisadores. Após a produção, o facilitador, particularmente, realiza sua própria análise da técnica, em busca de linhas que perpassem o pensamento do grupo para o tema gerador. Em seguida, o facilitador leva esses resultados analíticos para os copesquisadores, preferencialmente, de forma mais sintética, literária e comunicativa. Esse momento é chamado de contra-análise e permite aos copesquisadores conhecer, confirmar, retificar, reexaminar e, especialmente, contrapor-se às ideias do facilitador, tornando mais precisas as reflexões deste. Por fim, faz-se a análise filosófica, com base nas impressões dos copesquisadores acerca da contra-análise.

Nesta pesquisa, o estudo de campo centrou-se na Unidade Escolar Prof^a Júlia Nunes Alves, em Teresina – PI. O grupo pesquisador era formado por mim, Elisângela, facilitadora da pesquisa e pelos copesquisadores – sete adolescentes do 1º ano do Ensino Médio, do turno tarde da referida escola, onde foram realizadas as oficinas de produção de dados em Agosto de 2011.

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: SERÁ QUE AS POSSIBILIDADES ESTÃO ESGOTADAS?

Nas últimas décadas, a juventude vem ocupando um lugar de destaque no contexto das preocupações que permeiam as políticas públicas nos campos da educação e saúde. Algumas dessas preocupações estão ligadas ao índice elevado de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, problemas estes que atingem adolescentes e jovens de todo mundo. Miriam Abramovay et. al. (2004, p. 33) afirma que “a juventude é o momento em que a experimentação da sexualidade vai possibilitar uma estruturação da identidade. Assim, preconceitos e crenças organizam as possibilidades sexual-afetivas dos jovens.

A sexualidade no universo escolar é um assunto polêmico, levando em conta a multiplicidade de olhares, crenças e valores pelos diversos sujeitos que compõem a escola como: alunos, professores, pais, gestores, entre outros. Embora seja um tópico polêmico, não se pode desconsiderar que as múltiplas maneiras de aprendizagem sobre sexualidade devam ser vistas por um viés cultural e histórico. Para Abramovay et. al., a discussão da iniciação sexual com ênfase na individualidade é um construto da modernidade, por essa razão se firma de acordo com controles culturais:

A Cultura delimita alguns percursos identitários para diferentes grupos. E o jovem, gregário por definição, encontra e constrói novos papéis por meio da socialização com seus pares, exercendo, pela sexualidade, uma forma preponderante de sociabilidade e de construção da identidade. A identidade se vai delineando e redefinindo em processos dialéticos em vários encontros com o outro, quando são confrontados valores, crenças, emoções (2004, p. 69).

A iniciação sexual, nos dias atuais, está acontecendo cada vez mais cedo entre adolescentes e jovens, concomitantemente, inúmeras opiniões a este respeito ocorrem sob um olhar moralista, pois a temática da sexualidade envolve outras questões como religião, interesses, ideologia, costumes, atitudes, organização familiar, ética, moral e padrões de comportamentos sexuais.

Em meio a tantas questões que envolvem a sexualidade, é possível pensar que ela está fora da escola? Será que o aluno ao entrar na escola deixa sua sexualidade para trás? Segundo Louro (2007), a sexualidade dentro da escola não pode ser negada, porque faz parte da história de vida dos sujeitos, não é algo do que se possa “despir-se” ou que separe-se da identidade, pois está atrelada ao íntimo de cada um, aos desejos e anseios.

Deste modo, apresento as principais linhas ou dimensões que constituem o pensamento do grupo pesquisador sobre sexualidade com a de outros autores. Assim, os adolescentes produziram ideias heterogêneas, criando conceitos polissêmicos e polifônicos, problematizando de modo rico e inusitado o tema em questão. Nesse caso, os copesquisadores foram criativos nas produções dos conceitos, pois na medida em que criam confetos (conceitos + afetos) – conceitos heterogêneos, inusitados, compostos por natureza diferente; polifônicos, devido à simultaneidade de composição feita com várias vozes, polissêmicos, por conter múltiplos heterogêneos sentidos e afinitos, uma vez que não são prontos e acabados, e que foram ampliados, modificados e transformados durante a contra-análise.

Neste sentido, tais confetos e metáforas surgiram de momentos de problematização e criação dos copesquisadores, em torno do tema **Sexualidade**, sendo o pensamento dos mesmos constituídos em três linhas ou dimensões:

- a) **Confetos e ideias sobre sexualidade.**
- b) **As dificuldades vividas com a sexualidade.**
- c) **Superação das dificuldades com a sexualidade.**

A primeira linha, **Confetos e ideias sobre sexualidade**, envolve questões referentes às relações de gênero, discutindo o que é ser homem e o que é ser mulher, o que levou o grupo à problemática ligada à homossexualidade, bem como realçaram suas dúvidas e receios de falar sobre o tema, inclusive de pronunciá-la, mostrando mitos e tabus.

Iniciaremos o debate realizado nesta linha pela questão das relações de gênero – momento em que os adolescentes criaram o confeto **bicho monstro da sexualidade Rayane-bonequinha Sofia-Leão**, que relata o que pensa da sexualidade, dizendo: “que a pessoa deve escolher qual o tipo de sexualidade ter: se menino, se menina. Se a pessoa quer ser uma coisa, se gosta, tem que ser, se não gosta, vai ser outra coisa, pois isso só importa à pessoa que vai escolher a sexualidade que quer seguir. Ninguém pode dar palpite, a pessoa fica à vontade pra escolher o que quer ser e que não quer ser. Não pense na opinião dos outros, não, porque isso não vai influenciar em nada”.

Entretanto, mesmo achando que não se deva pensar na opinião dos outros e que isso não vai influenciar em nada na vida da pessoa, o grupo de adolescentes disse, em ideia contrária, que se tem medo de assumir o que se é, pois “tem gente que não dá liberdade para as pessoas fazerem o que querem, e assim se tem medo de ser o que quer ser, do que vão dizer

quando ela passar, porque tem gente que não entende e não dá liberdade pra gente falar, só quer julgar, falar, falar e falar”.

Em meio às discussões, o bicho-monstro da sexualidade **Rayane-bonequinha Sofia-Leão** diz: “eu acho que não pode ter preconceito, cada um tem a sua opção de ser homem ou mulher. Diante disto, o grupo, acrescenta: “Eu não tenho questão, dúvidas sobre a minha sexualidade, eu tenho certeza, eu sou menina e pronto! - Eu quero ser menina é claro!”. A respeito desta questão, outra adolescente disse: “- Eu sou bem decidida, eu gosto é de homem, minha sexualidade é essa, mas tem gente que não entende o fato de ter muitas amigas, andar com amigas, acham que eu sou aquilo, entendeu? Já chegaram a falar de mim, mas eu deixo passar, pois eu não sendo aquilo que tão falando, eu levo numa boa”. Diante disto, os adolescentes ampliaram a discussão dizendo sobre o **ser homem e ser mulher** que:

Assim... o gay e a sapatona, a mulher que gosta de outra mulher ela tem o mesmo órgão que a gente e não vão deixar de ser menina só porque gosta de outra mulher, só que a quando a gente diz assim: eu sou mulher e pronto! É que a gente quer ficar só com menino, só menino do sexo oposto, entendeu? Eu não quero o mesmo sexo que o meu. E aí, quando diz quer ser menino, quer ficar só com menina e menina quer ficar só com menino do jeito que Deus criou, entendeu? Um homem e uma mulher não foram para ficar junto?

As pessoas não enxergam assim, homem com homem para eles não é mais homem, e mulher com mulher não é mais mulher. Só que não é assim, não deixa de ser homem é só uma questão de opção, o negócio dele não vai cair só se tirar.

Olha, homem, homem, homem mesmo gosta é de mulher. E mulher mesmo gosta é de homem. Aí, quando gosta de outro homem, não é mais homem, quando gosta do mesmo sexo ou é gay ou sapatona.

No relato abaixo, outro pesquisador realça a tradição, o modelo padrão de como eles foram educados pelos pais ou pelo pai no caso da masculinidade:

Eu acho assim, o pai, se o filho é homem, o pai quer porque quer que o filho seja homem. Mas, ele vê que o menino tem jeito de menina, então o filho fica apreensivo com a reação que o pai vai ter, o pai vai ficar chateado, alguma coisa assim. O filho vai pensar muito que o pai não vai gostar mais dele porque ele escolheu essa opção sexual. Por isso, muitas vezes ele fica escondido dentro do armário, depois de muito tempo, quando estiver ‘de maior’, depois que sair da casa dos pais, aí ele pode assumir alguma coisa.

Logo depois desta discussão, o grupo sugere uma saída para esta problemática enfrentada por alguns jovens, quando a família não aceita sua orientação sexual:

Eu acho que tem que enfrentar o pai de qualquer jeito, não tem como. Aí ele vê o tempo, quando ele trabalhar, ele toma a decisão mesmo.

Eu acho que tem que ter conversa, muita conversa e o pai tem que aceitar, porque nem tudo é como a gente quer, não. Tem que aceitar, tem que ter muita conversa, não pode ficar com preconceito. Porque, se na rua é ruim, imagina em casa, o teu próprio pai te criticando porque você quer ser gay, aí tem que conversar mesmo, porque apesar de tudo, o pai ama. Se for escondido, vai ser pior. Eu acho que a família tem que se posicionar melhor a respeito desse assunto, para saber o que realmente deve fazer.

Nestes relatos, percebo que, para o grupo, é como se falar de ser menino e ser menina passasse pela sexualidade. Nesse caso, essa questão acabou sendo atravessada pela homossexualidade, colocando em destaque os casos de meninas e meninos que gostam do mesmo sexo. Essa discussão põe em evidência também o estranhamento que isto causa, por ser uma escolha diferente do padrão, normalmente colocado como algo fechado, unânime e homogêneo. Desse modo, os adolescentes criaram todo um debate mostrando a dificuldade de viver uma relação fora do modelo idealizado por nossa sociedade. Nesse sentido, coaduno:

Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que se as subvertem. (LOURO, 2004, p. 17).

Penso que as pessoas que cruzam as fronteiras de gênero e sexualidade não sejam predestinadas a isso, talvez não seja uma escolha livre, no entanto, podem ser movidas por várias razões e significados. E, nessa travessia, podem encontrar muitas pedras e espinhos pelo caminho que deixam cicatrizes irreparáveis, marcas na alma, deixadas por uma sociedade preconceituosa que restringe e repudia essa travessia.

Nesta mesma problemática, os adolescentes sugerem o que fazer quando se tem alguma dúvida sobre a orientação sexual. A respeito deste assunto, disseram:

Eu acho que se eu tivesse alguma dúvida, eu daria tempo ao tempo, pensaria se realmente é aquilo que eu quero, se me satisfaria realmente, se me satisfizesse eu já estaria com outra mulher há muito tempo, só que é homem que me satisfaz.

Neste relato, observo uma mudança significativa no modo de pensar a homossexualidade, tomando por base a minha adolescência, em que, mesmo entre colegas de escola, sequer comentava-se a possibilidade de gostar de alguém do mesmo sexo. O assunto

era velado. Era algo muito determinado, que não podia fugir às regras por conta de uma repressão esmagadora. Com bem lembra Chauí (1984), a repressão sexual forma um aglomerado de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas historicamente e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, e de forma alguma era permitida sua transgressão.

Além disso, o grupo aponta não somente para a repressão, mas, também, discute a homossexualidade como uma fase, algo que pode acontecer, mas que não é definitivo e que somente quando se chega à adolescência é que se vai decidir se é homem ou mulher, a saber:

Quando a pessoa tem alguma dúvida, ela percebe logo, pois quando passa perto de um homem ou mulher ela sente, ela deseja e se é mulher e deseja outra mulher é porque.... Mas, eu também acho que pode ser só uma fase.

Quando se chega à fase de 15 anos, você vai se perguntar se você gosta de homem ou de mulher, aí você vai decidir. Às vezes a pessoa gosta das duas coisas, aí eu acho que é 'gilete'.

Dando continuidade às problemáticas trazidas nesta linha, apresento a seguir o confeto **Daquilo da Sexualidade**, que acentua a dificuldade de falar e ou mesmo pronunciar a palavra sexo:

Daquilo da sexualidade é porque as pessoas têm vergonha de falar o nome, é receio, falta de informação até, a gente pensa que o nome é feio por isso fala dessa forma, fala daquilo mesmo para não falar o nome, entende?

As pessoas não podem expressar o nome porque é muito forte, e não pode falar, por isso fala daquilo, para não dizer o nome.

As pessoas têm vergonha de falar essa palavra, é tudo escondido, os pais não falam em casa, é difícil falar, parece coisa proibida. (não dito, a repressão).

O confeto **Daquilo da Sexualidade** realça a dificuldade que o adolescente tem de falar deste assunto, atribuindo essa dificuldade à falta de informação por parte da escola e dos pais, que não falam nada em casa. Por essa razão, fica parecendo que esse assunto é coisa proibida. Por isso, **Daquilo da Sexualidade** é a vergonha das pessoas de falar do nome sexo, é o receio, a falta de informação que remete novamente à questão da repressão sexual. Neste sentido, Foucault (1988), evidencia, em seus estudos sobre a História da Sexualidade, que a repressão era o ponto de ligação entre poder, saber e sexualidade, que funcionava como proibição o simples fato de falar de sexo, ou negar seus efeitos, policiando as palavras para designá-lo:

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. E ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. [...] razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor o silêncio geral e aplicado. (FOUCAULT, 1988, p. 10).

Desta forma, entendo que a falta de informação que se tem sobre a temática, tanto em casa, como também na escola, realçada pelo grupo, gera o silêncio sobre a sexualidade, reforçando mitos e tabus que perpassam gerações e nos remetem novamente aos modelos de censura, disciplinamentos dos corpos e conservadorismo dos discursos sociais.

A segunda linha do pensamento do grupo diz respeito às **dificuldades vividas com a sexualidade**. Como podemos perceber no relato do **bicho tartaruga** que além das dificuldades vividas com a sexualidade trás a tona a questão da violência dentro da escola:

As pessoas falam da minha sexualidade, do meu caminhado que é duro. Não sei porque falam isso, porque eu tenho uma namorada, gosto de mulher. Assim, não sei porque o pessoal fala umas coisas sem sentido, não tem nada a ver. Ficam me julgando pelo meu jeito de ser porque sou educado, não gosto de “caçar conversa” com ninguém e sou diferente deles. Ficam sorrindo, me chamando de gay, me julgando pela minha aparência. Por exemplo, na hora da Educação Física, “tiram sarro” de mim, me sinto humilhado com eles sorrindo de mim. Eu acho que a gente deve ser tratado como gente e não como cachorro, e desde o dia que eu cheguei aqui sempre foi assim. Por isso, eu não faço mais Educação Física. E são pessoas que nem me conhecem que ficam falando, porque as pessoas que me conhecem me acham uma pessoa normal, pois todo mundo tem o seu jeito diferente. Ser engraçado é uma coisa e me humilhar é outra. Eu estava até pensando de sair desse colégio. Se eu fosse gay eu só queria ficar perto dos homens e não perto de mulher. Quem sou eu pra julgar as pessoas, quem somos nós pra julgar as pessoas? Por isso que eu deixo de sair da sala, fico muito tempo dentro da sala. Não é à toa, que aquele menino matou um monte de criança na escola, por que a gente fica se sentido humilhado, ele se sentiu assim. Isso é pra todo mundo aprender, eu senti isso. A gente fica pensando: “Ah, era bom eu pegar uma arma e matar logo”. Aí, por isso é que eu digo que deve tratar logo, porque se não vai chegar um tempo que vai morrer todo mundo na escola. Todo tempo vai matar gente aí. Porque é discriminação toda hora, é negro, é homossexual, é “tudo enquanto”.

Nesta linha, os copesquisadores levantaram diferentes ideias sobre as dificuldades frente à sexualidade. Para falarem sobre tais dificuldades, eles criaram confetos como: **dificuldade buraco-dúvida** e **espinhos da sexualidade**. O **buraco-dúvida** é uma dificuldade, um ponto de interrogação, dúvidas sobre assuntos que eles não entendem como a sexualidade, não tendo quem lhes explique, quem tire as dúvidas sobre sexo, sobre quando começar, com quem e a primeira vez. Quanto ao confeto **espinhos da sexualidade**, são

aquelas pessoas que ficam falando mal das outras, criticando a opção sexual do outro. Vejamos:

Eu acho que [os **espinhos da sexualidade**] são aquelas pessoas que ficam falando mal, tipo não aceitam opinião, não aceitam o tipo de sexualidade que a pessoa escolheu, eu acho que é isso. Esses são os espinhos que acabam machucando com palavras pesadas. Assim, se a pessoa quer ser gay, não aceitam, ficam falando mal: - Ah... Porque isso, isso não é certo, e isso acaba machucando. A pessoa deve escolher o que quer ser, ninguém pode ficar dando opinião, porque se ele acha que vai ser feliz assim. Eu não tenho preconceito com ninguém!

Eu acho que os **espinhos da sexualidade** são as críticas e também a falta de informação, porque muita gente critica a opção sexual, mas também ninguém dá informação, sobre o sexo em si, nem os pais.

Nesta linha, o grupo cria dois confetos: o confeto **dificuldade buraco-dúvida e os espinhos da sexualidade** para falarem sobre suas dificuldades com a sexualidade, novamente reforçando a questão da informação como um obstáculo pontuado por eles. Durante a discussão do texto levado para a contra-análise, os copesquisadores disseram que a maior dificuldade com a falta de informação não é tanto na escola, mas em casa, porque os pais não conversam, porque eles têm medo de falar de sexualidade com os filhos. No entanto, em outro momento, o grupo mostra a maior dificuldade acontecendo dentro da escola porque as pessoas são preconceituosas, julgam pela aparência e não pelo que a pessoa é de verdade. Percebo que a falta de diálogo, tanto em casa, como na escola, com relação às questões que envolvem a sexualidade, fazem com que os adolescentes busquem respostas em outros lugares e com pessoas que não têm uma informação adequada e, por isso, ficam na dependência de fontes informais, a saber:

O jovem pode até ter uma família adequada e receptiva, que seja capaz de promover o diálogo. Pode até encontrar pessoas interessantes entre seus colegas e adultos que possam ajudá-lo a responder às ansiedades e a lacunas de informação, debatendo a sexualidade. Mas há de se convir que isso é improvável. É raro encontrarmos esse espaço de informação de maneira informal. É por isso que acreditamos ser muito importante que a escola possa trabalhar sistematicamente a questão da sexualidade. Isso não compete só à família. O seu papel será sempre primordial em relação à educação dos filhos. (EGYPTO, 2003, p. 14)

Por essa razão, acredito que é importante a escola favorecer um espaço para o debate e reflexão sobre as questões ligadas à sexualidade, possibilitando aos alunos um momento de diálogo, bem como esclarecimento de dúvidas e reflexão dos valores que não são repassados

só pela família, mas também por meios de comunicação, e que normalmente não são explicitados.

A terceira linha mostra **a superação das dificuldades com a sexualidade**. Nas reflexões presentes nesta dimensão do pensamento do grupo, surgem ideias e confetos de como superar as dificuldades enfrentadas por eles frente à sexualidade. Outra problemática que aparece dentro desta linha refere-se à questão das DST's e à gravidez na adolescência. E sugerem que para se falar de sexualidade na escola é preciso que seja alguém com experiência.

Para falar da superação de suas dificuldades dentro desta linha, os copesquisadores criam o confeto **aliado-pessoa-borboleta** que é uma pessoa que evolui conversando com outras pessoas sobre sexualidade.

Ele conversa com outras pessoas para saber opiniões diferentes.

O que o bicho faz para superar as dificuldades é conversando com outras pessoas, fazendo novos amigos para ter informações, porque em casa com os pais ele não consegue nada, porque eles não falam.

O que me chama atenção nestas falas é que eles não querem uma resposta pronta e acabada. O que eles querem são opções diferentes para escolha do que fazer, ou seja, quanto mais opiniões, mais escolhas terão, como um caminho com várias bifurcações. A escolha é deles, no final. Isso tem a ver com a autonomia, a capacidade de escolha e o desejo de saber que não há uma forma homogênea de solucionar seus problemas referentes à sexualidade.

Na construção dessa linha, compreendo que os copesquisadores são potentes e vão em busca de superar suas dificuldades com a sexualidade, pois na discussão do texto levado para a contra-análise, eles enfatizaram a questão do preconceito, que é muito forte e a discriminação contra os homossexuais e as lésbicas, apontando sugestões. Vejamos:

Eu acho que a pessoa deve parar de se preocupar com o que os outros pensam e se preocupar mais com o que elas sentem. Eu acho que não devia ter esse negócio de julgamento, não.

Olha, é por isso que muitas pessoas não saem do armário, com medo da reação das pessoas, isso é verdade.

É chato a pessoa ser criticada, quando a pessoa chama você daquilo que você não é, a gente fica chateado, chamam de um monte de coisas. Olha, a gente fica com raiva, mas hoje eu sou uma pessoa totalmente diferente do que naquele dia que vocês vieram aqui. Hoje, eu não sou mais... Assim, eu falo com todo mundo da sala. Eu acho que para você se sentir feliz você precisa

decidir o que você quer, se você gosta de homem ou de mulher. Muita coisa mudou desde aquele dia, o meu convívio com as pessoas da sala agora é diferente, a forma que eu me expressei aqui me ajudou muito, porque as pessoas nem te conhecem e te julgam, é preciso conhecer primeiro e não sair julgando.

Frente ao exposto, observo que as sugestões apontadas pelos copesquisadores para a superação das dificuldades e preconceitos envolvem questões relacionadas às pessoas que são diferentes, ou seja, que fogem dos padrões de heterossexualidade. Neste ponto, Louro (2007 p. 80) nos diz que “a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da normalidade – normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual as identidades masculina e feminina ajustam-se às representações hegemônicas de cada gênero.

Diante disso, compreendi que nas discussões sobre a questão do preconceito contra as pessoas homossexuais e lésbicas, os copesquisadores não concebem que em pleno século XXI esse tipo de pensamento permaneça com tanta veemência, pois, para eles os tempos mudaram, e nos dias de hoje não se admite mais tal pensamento.

Assim, ressalto a importância e o compromisso que a escola, enquanto extensão da sociedade tem para tratar dessas questões que envolvem preconceitos e valores. O pensamento do grupo mostra que é de suma importância a escola oferecer palestras e debates a respeito da temática em questão, pois é na escola onde se concentra o maior número de jovens e a informação é imprescindível para a prevenção da gravidez indesejada e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

Para tanto, os copesquisadores trazem à tona outra problemática dentro desta mesma linha, pois para o grupo, o fato de defenderem que a escola precisa tratar dessas questões que envolvem a sexualidade, não pode ser qualquer pessoa, é necessário que seja uma pessoa experiente e sugerem que:

Tem que ser uma pessoa experiente para falar, não pode ser aquelas pessoas que julgam para falar sobre isso. Tem que ser pessoas que entendam do assunto e coloquem na cabeça, que não tenham preconceitos.

Era bom que tivesse só uma matéria para isso. A aula seria ótima, para a gente compreender melhor as coisas, como funcionam, ficar mais claro. Tem que ser uma pessoa experiente, porque tem muita coisa que a gente não sabe. É outra área, e os outros professores não entendem sobre isso.

Ainda em relação à superação das dificuldades, os copesquisadores, na contra-análise completaram sugerindo:

Eu acho que era bom fazer uma oficina com os pais, não junto com os filhos, porque os filhos não iriam falar abertamente na frente dos pais, porque se falar, quando chegar em casa leva uma bronca. Eu acho importante vocês trazerem eles, explicar as coisas para eles, que é importante falar sobre sexualidade com os filhos.

Às vezes, os pais não orientam os filhos, não dizem as coisas, não falam como é que engravida, falam que é através da cegonha e isso já é uma história manjada. Já tem que falar para o adolescente, porque adolescente é cheio de curiosidade, quer saber muitas coisas, aí, às vezes engravida e começa a brigar com a menina, expulsa ela de casa, mas a culpada é a mãe, porque a mãe não falou para o filho, não explicou.

Assim, diante dessas ideias, quando os copesquisadores enfatizam que a escola precisa debater essas questões de sexualidade, ressaltam a importância desse momento para sanar dúvidas e evitar julgamentos precipitados. Sendo que, para isto, é necessário alguém com experiência para conduzir tais discussões. Entendo que deve ser alguém com a sexualidade resolvida, alguém que não tenha preconceito com o diferente, e que acima de tudo respeite o outro.

Desta feita, atento que durante todas as discussões, eles sempre chamam a atenção dos pais para a importância do diálogo com os filhos, porque se o filho não tem informação em casa, ele vai buscar fora, com os amigos, e muitas vezes uma informação deturpada, que não ajuda, só atrapalha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante pontuar que a sexualidade como parte integrante do ser humano, precisa ser entendida e debatida pelos jovens. Este assunto não pode mais permanecer às margens da escola. Ressalto que essa discussão é essencial, não só pelas dificuldades históricas que conhecemos como a repressão, a censura, a discriminação de gênero e preconceitos, mas porque percebemos que ainda hoje a desinformação é muito grande. Percebo que existe muito estímulo por parte da mídia, pois nunca se falou tanto em sexo, ou se mostrou tanto através dos meios de comunicação a todo instante. No entanto, não existe espaço para o debate entre os adolescentes, nem na escola e muito menos em casa.

Nesta pesquisa, o grupo deixou claro que é capaz de pensar, de criar e que sabe mais sobre si mesmo e de suas situações de vida do que podemos imaginar, mostrando que adolescentes também tem problemas e conflitos. Nesse sentido, este trabalho com a Sociopoética me permitiu constatar a potência e capacidade dos adolescentes de construir e desconstruir conceitos já existentes em relação às mais variadas questões. Durante o processo da pesquisa, observei o quanto à família, a escola e a sociedade como um todo devem atentar para uma das principais necessidades dos adolescentes: ouvi-los, oferecer a eles a liberdade de falar expressando seus desejos, seus receios, dizer o que sentem, como entendem, pois de fato percebi que eles compreendem, pensam, são capazes de refletir, de raciocinar e de problematizarem suas questões.

Portanto, acredito que os dados, produzidos e apresentados, realçam os desejos dos adolescentes expressos em relatos e confetos que mostram os muitos assuntos e problemas que vivenciam entre eles e a escola e entre eles e seus pais. Apontando soluções, enfatizando que a temática da sexualidade não pode, de modo algum, ficar à margem dos conteúdos determinados pela escola, como se fosse um assunto banal, porque a sexualidade é indissociável do ser humano.

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Jovens educadores de rua**: itinerários poéticos que se cruzam pelas ruas de Teresina. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, 2004. 241f. (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade do Ceará – UFC, 2004.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ver de Ouvir: a experiência sensível do corpo lesma para o historiador da educação. In: **Educação em debate**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – FAGED/UFC. Fortaleza: FAGED/UFC, 2010.

ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: Unesco, 2004.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade; Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.85-110.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. Editora Brasiliense S. A, 1984. EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.

EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FURLANI, Jimena, **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: Pedagogia da sexualidade; Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.